

Poesia geométrica

Três décadas de criação, no MAB, dizem como Brasília se projeta no coração de seus artistas

MÔNICA SILVA DA SILVEIRA

O sentido histórico e sociológico do fenômeno artístico da cidade será exposto ao público, a partir das 19 horas de hoje, no Museu de Arte de Brasília — MAB. *Arte Brasília* reúne mais de 70 obras: são pinturas, esculturas, colagens e imagens de computador, representantes das décadas de 60, 70 e 80. Os pioneiros das artes plásticas brasilienses, professores fundadores da Universidade de Brasília, entre eles, Athos Bulcão, Amélia Toledo, Zanini, Hugo Mund Jr., Marília Rodrigues, Babinsky e Rubem Valentim apresentam trabalhos realizados em diversos momentos, em uma retrospectiva que mostra as possibilidades de manutenção ou transgressão da geometria da cidade. Entre os alunos destes professores estão Elder Rocha Filho, Maravalhas e Sônia Paiva, que como eles desenvolveram carreiras sólidas em Brasília.

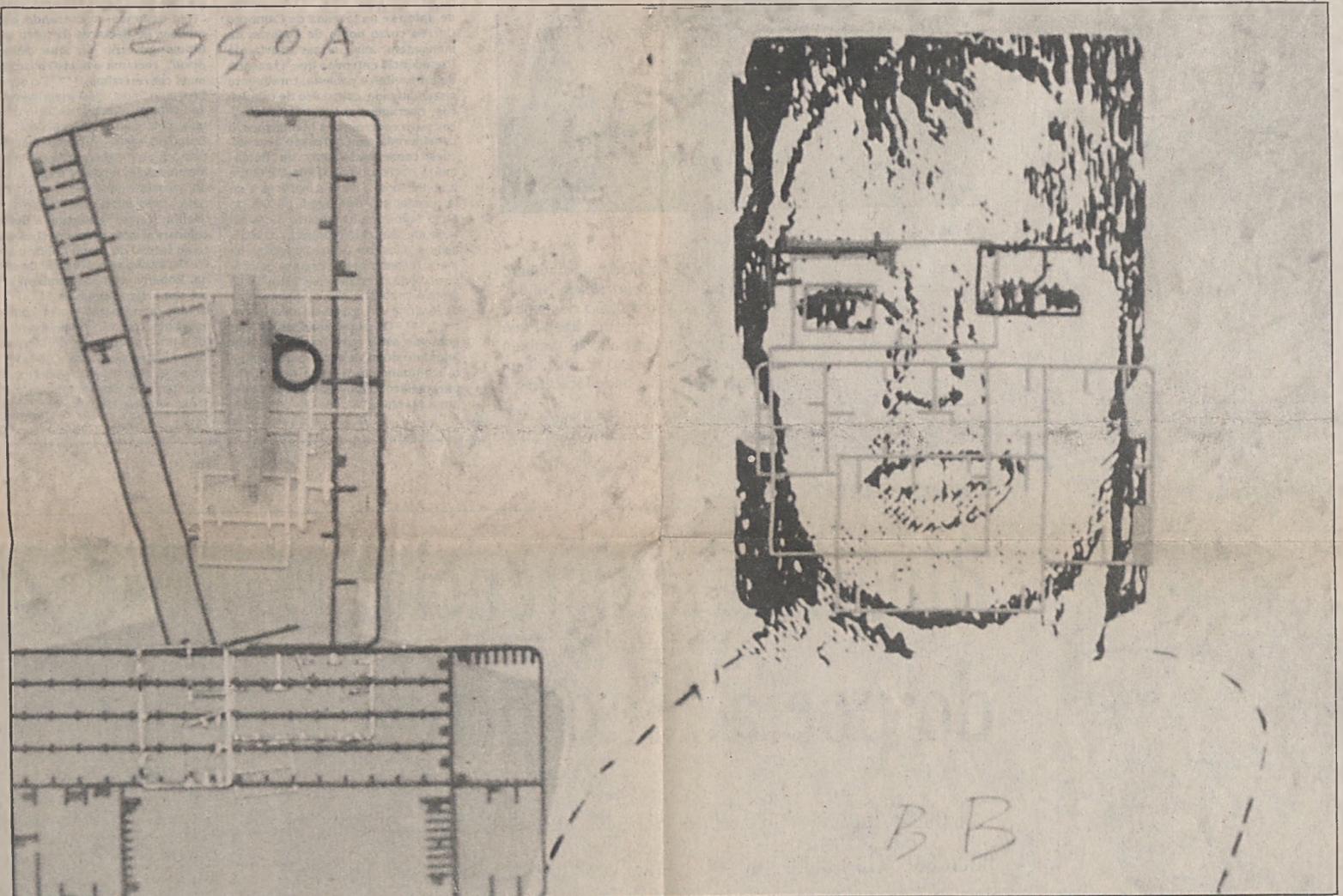
A curadora da exposição, professora Grace Maria de Freitas, do Instituto de Artes da UnB, destacando que as artes plásticas, em Brasília, começaram dentro da Universidade, ressalta que cada um destes artistas tem a sua própria língua, a sua própria fala. Entretanto, a geometria do traçado arquitetônico da cidade, de certa forma, é rebatido na produção artística. Ela ilustra antropológicamente sua visão, situando as calçadas que existem nos gramados: "A população faz suas próprias trilhas. Transgredir a geometria. Já o artista de Brasília projeta-se no espaço da transgressão".

Maravalhas, Babinsky e Eduardo Cabral são exemplos desta transgressão. Eles não se rendem à geometria. Em contrapartida há Galeno, Marília Rodrigues e Rubem Valentim, geometricamente definidos. O ponto em comum entre todas as tendências verificadas na arte da cidade é, segundo Grace, uma prática artística atuante, que faz as obras circularem. "Questões, indagações e respostas sobre a sociedade que os circunda estão implícitas nestas obras, onde o público pode se espelhar ou não".

Arte Brasília não está preocupada com os artistas da moda nem com o mercado. Com certo sentido didático remonta os anos 60 com obras de Athos Bulcão, Hugo Mund, e Ceschiatti, que estão presentes com trabalhos da época e também atuais. Os projetos de Athos Bulcão mostram até o que não mais existe, como o projeto de azulejos do Brasília Palace Hotel, destruído por um incêndio. Os projetos dos azulejos do Congresso Nacional, Memorial da América Latina (SP) também poderão ser apreciados, juntamente com suas mais recentes "Máscaras".

Quem deparar, repentinamente, com os poemas gráficos visuais e com as colagens de Hugo Mund, por certo pensará estar na década de 60. Suas colagens, com características semelhantes àquelas que ocupavam as portas dos armários dos adolescentes de então, fazem menção ao Vietnã, com figuras de armamentos bélicos e atitudes de protesto. Sobre os dias de hoje, Mund expõe poemas gráficos visuais, não mais como os primeiros — também expostos — que ocupavam grandes folhas de papel. Agora eles surgem em livros.

Os anos 70 chegam através dos trabalhos dos professores da UnB, Cathleen Sidki, Douglas Marques de Sá e Maravalhas. A década de 80 está representada pelo Grupo Infoestética, composto por Suzete Venturelli, Tânia Fraga e Paulo Fogaça, professores do Departamento de Artes Visuais da UnB, que juntamente com Aloysio Arcela e Homero Piccolo, professores do Departamento de Ciências da Computação, desenvol-



Trabalho do artista Ralph Gehre



Escultura do arquiteto Zanini

ver um trabalho de pesquisa comum, unindo a arte à informática.

Muitas variedades — Marília Rodrigues apresenta suas produções mais recentes, assim como Glênio Bianchetti. As gravuras em metal, algo meio raro na obra de Bianchetti, estão incluídas em *Arte Brasília*. Amélia Toledo, que, como Rubem Valentim aguarda sua reintegração à UnB, também participa da mostra com trabalhos mais recentes — suas incursões pelas cores realizadas na década de 80. A Minerva, escultura de Ceschiatti, que mora no gabinete do vice-reitor da UnB, saiu para um passeio no MAB.

A professora Grace sempre pensou em uma exposição que mostrasse a história contemporânea da arte em Brasília. Uma história onde tudo é muito novo e sem espaço para um distanciamento. A retomada da UnB como elo de aproximação entre todos os artistas plásticos é tida como fundamental. "A UnB retorna ao seu papel de centro de discussão e formação sobre a arte, o artista e a sociedade".

Desta forma, o MAB está sendo visto como local ideal para esta proposta, já que é um prédio ligado às raízes de Brasília. Foi construído como anexo do Brasília Palace Hotel, ponto de encontro importante dos anos 60. Há quem diga que foi levantado para hospedar a Rainha Elizabeth em sua visita à cidade. Não há certeza, mas é certo que o prédio já foi um dos mais animados espaços de Brasília, na época em que abrigou o Casarão do Samba. Grace diz que *Arte Brasília* está montada em um "belo espaço histórico".

Caso haja possibilidade, ela pretende botar mais uma idéia em prática a partir desta exposição — fazer uma grande retrospectiva de cada um dos artistas que compõem a mostra. "Será mais uma maneira de dialogar com os artistas mais jovens, mais velhos e com o público em geral", diz a curadora, lembrando que este diálogo é bastante rico entre os artistas plásticos brasilienses, que têm como centros de encontro a UnB e a Associação dos Artistas Plásticos de Brasília, presidida por Eduardo Cabral.

Ateliês de extensão, abertos à comunidade, também fazem parte das propostas dos artistas. A professora Marília Rodrigues gerou o Clube da Gravura de Brasília, que segundo Grace conta com boas perspectivas na cidade. No próximo semestre, Douglas Marques de Sá e Babinsky abrirão ateliês na UnB com extensão à população em geral, independente do fato dos interessados serem ou não alunos da Universidade.

□ **ARTE BRASÍLIA** — Exposição de obras de Amélia Toledo, Ana Miguel, Athos Bulcão, Avatar Moraes, Babinsky, Bianchetti, Burle Marx, Cathleen Sidki, Ceschiatti, Douglas M. Sá, Eduardo Cabral, Elder R. Filho, Evandro Salles, Galeno, Hugo Mund, João de Sylos, José Eduardo Moraes, Luiz Galina, Luiz Humberto, Maravalhas, Marília Rodrigues, Ralph Gehre, R. Seabra, Rubem Valentim, Sônia Paiva, Zanini, Suzete Venturelli, Tânia Fraga, Aloysio Arcela, Homero Piccolo, Paulo Fogaça. Vernissage às 19h00 de hoje, no Museu de Arte de Brasília — SHTN, lote 2 A (entre a Concha Acústica e o Palácio da Alvorada). O artista José Eduardo Garcia fará uma performance durante a abertura da mostra.

Museu de Arte vai às escolas

André Lafetá, diretor do Museu de Arte de Brasília, está procurando transformar todas as atividades desenvolvidas em uma aproximação com as escolas, tanto da rede oficial quanto da particular. No caso de *Arte Brasília*, o MAB continuará funcionando por inteiro — ou seja, seu acervo permanente foi transferido para o subsolo.

Ao ressaltar o caráter didático de todas as suas exposições, Lafetá diz que o MAB jamais será uma galeria de arte porque não tem características mercadológicas. Como o MAB possui um grande acervo — aproximadamente 800 obras — trabalha em um sistema recém criado, chamado Kit Acervo: são obras doadas para a Fundação Cultural do DF por artistas que expuseram em suas galerias. A pedido de instituições, circulam itinerantemente.

Para a Funai, por exemplo, foi enviado um grupo de obras indígenas. Para a escola Tia Bibia peças que despertassem nas crianças a atenção para o traço, a cor, o gestual e o artista. Para o encontro do Fórum de Secretários de Cultura, obras variadas. Lafetá diz que o kit acervo pode ser composto por oito a 20 obras.

As crianças que visitam o MAB, em grupos escolares, contam com a orientação de duas professoras da rede oficial. Contudo, Lafetá não sabe até quando este procedimento terá continuidade garantida, tendo em vista as mudanças de estrutura que estão acontecendo no funcionalismo do GDF.

No momento, um professor de capoeira está dando aulas para as crianças da vizinhança do MAB — crianças da Vila Planalto. O diretor do Museu pretende que, cada vez mais, elas se integrem ao ambiente, não se limitando às aulas de capoeira.